

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Dominick Lattuada Abreu Barbosa

UM ENCONTRO COM O CINEMA
a atuação de arte-educadores no âmbito do Programa Cine Escola

Pólo Contagem
2020

Dominick Lattuada Abreu Barbosa

UM ENCONTRO COM O CINEMA

a atuação de arte-educadores no âmbito do Programa Cine Escola

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes - EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientador (a): Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo

Pólo Contagem

2020

Ficha catalográfica
(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707
B238e
2020

Barbosa, Domítnick Lattuada Abreu, 1986-

Um encontro com o cinema [recurso eletrônico] : a atuação de arte-educadores no âmbito do Programa Cine Escola / Domítnick Lattuada Abreu Barbosa. – 2020.

1 recurso online (35 p. : il.).

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes - PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV, da Escola de Belas Artes, da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo.

1. Programa Cine Escola. 2. Arte – Estudo e ensino. 3. Cinema na educação. 4. Mediação. 5. Arte e educação. I. Espírito Santo, Jussara Vitória de Freitas do. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



Nome: **DOMINICK LATTUADA ABREU BARBOSA**

**UM ENCONTRO COM O CINEMA: A ATUAÇÃO DE ARTE- EDUCADORES NO
ÂMBITO DO PROGRAMA ESCOLA.**

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo – CEEAV/ EBA/ UFMG -
Orientadora

Professor Evandro José Lemos da Cunha – EBA/ UFMG – Membro da Banca
Examinadora

Profa. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes
Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Belo Horizonte, 28 de fevereiro de 2020.

RESUMO

Este estudo tem como intuito analisar as possibilidades e potencialidades do Ensino de Artes Visuais no âmbito do Programa Cine Escola centrando-se na metodologia de trabalho dos arte-educadores que o constituem, de modo a compreender as interseções possíveis entre a arte-educação e a sétima arte no interior de uma instituição cultural. O estudo realizado pretende favorecer a aproximação entre cinema e educação, considerando, por meio do Programa Cine Escola, ao público escolar infanto-juvenil das escolas da rede pública e privada de Belo Horizonte e região metropolitana. A abordagem metodológica utilizada na condução desta pesquisa se amparou na observação direta para uma análise mais precisa dos dados coletados somada a interlocução com teorias e estudiosos que abordam temáticas relacionadas à mediação cultural, ao cinema e a ligação destes com o Ensino de Artes Visuais.

Palavras-chave: Programa Cine Escola. Mediação cultural. Arte-educação.

ABSTRACT

This study aims to analyse the possibilities and potential of Visual Arts Teaching within the scope of the Cine Escola Programme, focusing on the work methodology of the art-educators that constitute it, in order to understand the possible intersections between art-education and the seventh art within a cultural institution. The study carried out intends to favor the approximation between cinema and education, considering, through the Cine Escola Programme, the children and youth academic audience from the public and private schools in Belo Horizonte and the metropolitan region. The methodological approach used in conducting this research was based on direct observation for a more accurate analysis of the data collected, in addition to the dialogue with theories and scholars who address themes related to cultural mediation, cinema and their connection with the Teaching of Visual Arts.

Keywords: Cine Escola Programme. Cultural mediation. Art education.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1- Fachada Palácio das Artes-Crédito: Paulo Lacerda.....	12
Foto 2- Cadernos de anotações fílmicas.....	13
Foto 3- Cine Humberto Mauro- Crédito: Paulo Lacerda.....	13

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 - Comparativo: Programa Cineminha x Programa Cine Escola.....	21
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1 O PROGRAMA CINE-ESCOLA: ARTE-EDUCAÇÃO NO ESCURINHO DO CINE HUBERTO MAURO.....	10
1.1 Educação, cinema e formação: repertório de memórias, afetos e aprendizagens.....	10
1.1.1 <i>Cine Humberto Mauro: um espaço afetivo de aprendizagem cinematográfica.</i>	11
1.1.2 <i>Entre frames e galerias: minha iniciação nas Artes Visuais.</i>	15
1.1.3 <i>De Cineminha à Cine Escola: mudanças e permanências.</i>	18
2 DA TELA AO GIZ: AÇÕES TRANSVERSAIS ENTRE ARTE CINEMATOGRÁFICA E EDUCAÇÃO.....	21
2.1 A sala de exibição: possibilidades educativas.....	22
3 A POTENCIALIDADE DO CINEMA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: ALGUMAS REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA CINE ESCOLA..	24
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS.....	33
ANEXO.....	35

INTRODUÇÃO

A pesquisa objetiva analisar as possibilidades e potencialidades do Ensino de Artes Visuais no âmbito do Programa Cine Escola centrado-se na metodologia de trabalho dos arte-educadores que o constituem, de modo a compreender as interseções possíveis entre a arte-educação e a sétima arte no interior de uma instituição cultural.

No decorrer deste estudo além da consulta a bibliografia especializada foram realizadas visitas às exibições do referido programa com o objetivo de observar a atuação da equipe de mediadores, bem como todos os aspectos que compõem o Cine Escola de modo a compreender a organização e a rotina de trabalho destes profissionais no interior do programa. Desenvolvido no âmbito da Fundação Clóvis Salgado- FCS, localizada em Belo Horizonte, por meio do Centro de Formação em Arte e Tecnologia- CEFART o Cine Escola foi criado em 1997 quando ainda era nomeado Cineminha e tinha como intuito possibilitar o acesso ao cinema ao público escolar das redes pública e privada de Belo Horizonte encerrando suas atividades em 2016, retomando com um novo formato em 2018 com o qual prossegue atualmente.

Através de recursos metodológicos como a observação direta e registros escritos de aspectos relevantes concernentes a temática, buscou-se apontar os desafios presentes na atuação destes mediadores.

Cabe aqui pontuar que mesmo considerando a importância do acesso e das percepções do público infanto-juvenil no contato com a arte cinematográfica, o foco deste estudo é direcionado a rotina de trabalho do grupo de mediadores do Cine Escola de modo a identificar as estratégias utilizadas por estes para fazer da sala de exibição um espaço de interação que promova o despertar do olhar do público escolar para a arte cinematográfica.

Para estruturar minhas reflexões consultei trabalhos de Coutinho (2009), Barbosa (2009) e Pimentel (2015) para a discussão acerca da mediação cultural, somado aos trabalhos de Bergala (2008), Duarte (2009) e Bernardet (2007) para abordagem

sobre a relação entre Cinema e Educação.

Isto posto, para melhor compreensão do presente estudo, esta pesquisa foi estruturada em três capítulos: O capítulo 1, intitulado '*O Programa Cine-Escola: arte-educação no escurinho do Cine Humberto Mauro*' o qual faz uma apresentação e abordagem sobre o programa Cine Escola e descreve as motivações que levaram a escolha da presente temática. Na sequência, o capítulo 2 nomeado '*Da tela ao giz: ações transversais entre arte cinematográfica e educação*' discorre sobre a articulação possível entre cinema e educação. Por fim, o capítulo 3 intitulado '*A potencialidade do cinema no ensino de artes visuais: algumas reflexões e contribuições do Programa Cine Escola*' que visa analisar as contribuições do programa Cine Escola no âmbito do ensino de Artes Visuais. E têm-se as considerações finais.

Buscou-se com este estudo refletir a respeito da atuação de mediadores em instituições culturais, aqui especificamente no espaço referente ao Cine Humberto Mauro, de modo a compreender a dinâmica de trabalho destes sujeitos e o modo como as atividades do programa podem, por meio da mediação e da utilização de filmes, criar possibilidades para uma educação audiovisual do público infanto-juvenil.

1 O PROGRAMA CINE-ESCOLA: ARTE-EDUCAÇÃO NO ESCURINHO DO CINE HUMBERTO MAURO

1.1 Educação, cinema e formação: repertório de memórias, afetos e aprendizagens

A presente pesquisa surge do entrelaçamento entre minha formação e minhas experiências pessoais com a arte cinematográfica. A memória e suas lacunas não me deixam datar ao certo quando se iniciou a minha admiração pelo cinema, mas mesmo em meio a imprecisões consultando meu repertório de recordações descobri nas lembranças da adolescência os primeiros sinais de que estava realmente despertando para a sétima arte, contudo ainda como espectadora sem entendimento da técnica cinematográfica. Ainda não era uma cinéfila e via o cinema como um entretenimento.

Lembro-me de freqüentar as salas de cinema na companhia do meu pai e irmã mais velha e do modo como a tela grande, o som intenso e as imagens em movimento se agigantavam em meus olhos infantis exercendo nestes verdadeiro fascínio. A ida ao cinema se reduziu na adolescência, época na qual tinha de dedicar a maior parte de meu tempo aos estudos da 6ª série, contudo ainda assim em uma brecha do meu tempo escolar e em um final de semana, mais especificamente em 7 de março de 1998, acompanhada de minha mãe, irmã e uma amiga de infância da escola assisti ao sucesso daquele momento: *Titanic* (1997), de James Cameron.

Dali em diante lia e recortava de revistas e jornais reportagens e sinopses de filmes, mas foi apenas em 2009, já na idade adulta, que decidi deixar o cômodo lugar de espectadora para aprender a fazer filmes. Fiz cursos livres e me iniciei no conhecimento desta arte paralelamente à graduação de Pedagogia que cursava na FaE/UEMG, aprendia as noções teóricas e técnicas que fazem parte da feitura de um filme.

Desde então troquei os *Shoppings* pelas salas tradicionais de cinema de Belo Horizonte e aí comecei a freqüentar o Cine Humberto Mauro. O contato com uma filmografia diversificada e a freqüência em seminários e cursos oferecidos pelo

espaço tornava mais ávido meu desejo por conhecer e fazer cinema.

Então em 2016 decidi criar um coletivo de cinema independente, *Claquete de Giz*, para fazer minhas próprias produções juntamente com um grupo de estudantes, artistas e demais profissionais do audiovisual mineiro. Dirigi meu primeiro curta intitulado “*ERRE H*” (2016) e de lá para cá realizo com minha equipe experimentações em vídeo como os mini curtas “Vento” (2019) e “Sombras Lúdicas” (2019) e outras produções como o documentário “Maletta: sebos e prosas” (2019).

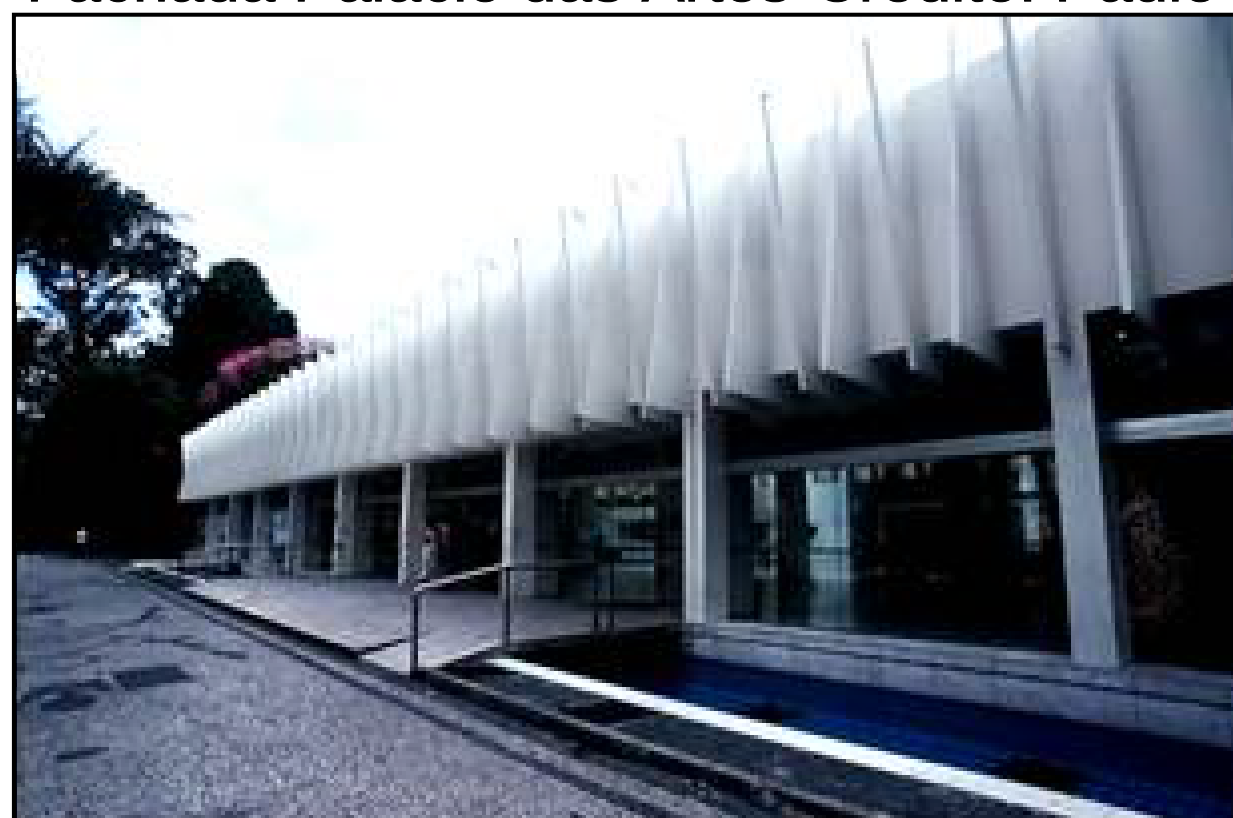
Nesse entremeio o Cine Humberto e o Palácio das Artes como um todo, tornaram-se um espaço de formação e de afetividade para mim, fator este que me motivou a chegar ao tema deste trabalho de conclusão de curso.

Pensar a sala de exibição como um lugar de pesquisa é uma experiência nova para quem estava habituada a ocupar suas cadeiras e deixar-se envolver pelo filme. Não somente a sala de cinema torna-se um local de pesquisa, mas também os sujeitos, no caso os arte-educadores são os objetos deste estudo, no qual buscarei conciliar os conhecimentos e vivências pessoais no campo da arte cinematográfica com os conhecimentos apreendidos no curso de Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas da Escola de Belas Artes- EBA/UFMG.

1.1.1 Cine Humberto Mauro: um espaço afetivo de aprendizagem cinematográfica

O ano era 2008 e ainda recordo-me da primeira vez em que ainda tímida e um tanto receosa adentrei as portas do Palácio das Artes (Foto 1), pode parecer uma reação estranha, mas é comum acontecer em algumas pessoas que rompem a barreira de um certo constrangimento e decidem ‘desbravar’ o Palácio, talvez fiquemos admirados ou intimidados pela arquitetura moderna do prédio desenhada por Niemeyer e Hélio Ferreira Pinto ou talvez o termo ‘Palácio’ ainda intimide como se tratasse de um lugar destinado a nobreza. Enfim, as razões são distintas, mas ainda permanece em alguns a idéia do Palácio das Artes enquanto espaço ‘elitizado’.

Foto 1- Fachada Palácio das Artes-Crédito: Paulo Lacerda



Fonte: (MINAS GERAIS, 2012).

Para mim esse pensamento se extinguiu quando no ano mencionado comecei a frequentar o Cine Humberto Mauro e já tive a sorte de deparar-me com uma mostra maravilhosa do cineasta alemão Ernst Lubitsch. Para quem desde a infância estava habituada aos cinemas de *Shoppings* ir ao Humberto Mauro era como adentrar a um verdadeiro cinema tradicional como todo bom cinéfilo gosta.

Daquele momento em diante não parei mais de frequentar o Cine Humberto, passando a marcar presença em festivais e mostras aprendendo com filmes que até então desconhecia e participando dos cursos gratuitos ofertados pelo Cine Humberto, nos quais conheci o cinema polonês, japonês, argentino, cubano, francês e obviamente o brasileiro entre tantos outros aos quais tive acesso ali no escurinho da sala Humberto Mauro.

A cada visita guardo com carinho um ingresso no caderno de anotações fílmicas (Foto 2), no qual escrevo expressando minhas críticas e comentários acerca dos filmes que assisti. Para além de uma sala de cinema o cine Humberto é para mim um lugar de aprendizagem em cinema e de conhecimento da filmografia dos realizadores mineiros, além de espaço de vivências e trocas sociais diversas.

Foto 2- Cadernos de anotações fílmicas



Fonte: Acervo pessoal.

Retrocedendo há 30 anos, antes de me tornar freqüentadora do Cine Humberto (Foto 3) este era inaugurado em 15 de outubro de 1978 tornando-se um espaço emblemático para o cenário audiovisual mineiro se destacando como um dos principais espaços culturais abrigados pela Fundação Clóvis Salgado¹, a qual ainda conta com galerias de arte e salas voltadas para atividades de teatro, dança e música.

Foto 3- Cine Humberto Mauro- Crédito: Paulo Lacerda



Fonte: (CINEMAS..., 2017).

O cine Humberto é um espaço pulsante, no qual há uma variedade de

¹ Centro de produção, formação e difusão cultural de Minas Gerais fundado em 1970.

programações para os cinéfilos sedentos por filmografias de qualidade. Abrangente e diversificado já abrigou mostras temporárias que vão do pouco conhecido cinema Lituano aos clássicos americanos, sem falar nos programas permanentes de formação de público dentre eles o Cineclube Francófono, História Permanente do Cinema e Cinema e Psicanálise.

O que falar dos festivais anuais, como o Festival Internacional de *Curtas-FestCurtas*, *Indie* Festival-Festival de Cinema Independente, Mumia- Mostra *Udigrudi* Mundial de Animação e o *Forum Doc*- Festival este por sinal meu favorito, do qual participo desde a edição de 2011.

Para além da excelente e diversificada programação o cine exerce ainda outro papel relevante, pois possibilita o acesso à sétima arte ao público geral respeitando a diversidade de cada um e mantendo suas portas abertas, transcendendo-se como um local de exibição por destacar-se também como um espaço de socialização.

Os freqüentadores assíduos sabem que o Cine Humberto é ainda ponto de encontro de encontro de um público diversificado, os quais vão desde os solitários anti-sociais aos gregários que formam uma espécie de subgrupos: o dos idosos, o dos moradores de rua e os funcionários da construção civil que aproveitam o tempo ocioso para frequentar o Cine.

No período de espera que antecede as sessões é comum testemunhar cada um deles conversando ou comentando sobre diversos assuntos que vão desde assuntos pessoais e políticos a comentários sobre os filmes da programação. Para alguns idosos o cine Humberto é quase uma segunda casa para fugir da solidão da velhice ou da indiferença da família conforme um deles certa vez ocasionalmente me relatou.

É ainda reduto de estudantes de cinema, cineastas, professores e críticos, além de jovens realizadores.

Logo, o Cine Humberto Mauro desde a sua inauguração além de oferecer, como sublinha Braga (2011, p.14), uma “[...] programação alternativa, voltada para filmes

não exibidos no circuito comercial, filmes em 16 mm, filmes em preto e branco, mostras de Cinematecas e Embaixadas.” é um espaço que tem no cinema um mediador entre aqueles que o frequentam.

Nesse cenário surge o Programa Cine Escola sobre o qual discorreremos adiante.

1.1.2 Entre frames e galerias: minha iniciação nas Artes Visuais

É sempre complexa a tarefa de analisar um programa educativo que tem o cinema, uma arte tão abrangente e democrática, enquanto instrumento artístico formativo para o público infanto-juvenil.

Tal complexidade se dá não somente pela arte cinematográfica em si que é dotada de singularidades, mas também pelo desafio de relacioná-la à educação sem incorrer a erros comuns presentes nesta intrincada relação. Soma-se a isto a reflexão em pensar essa relação cinema-educação fora do contexto escolar, por trata-se de um espaço cultural com configurações e atividades distintas daquelas presentes nas instituições escolares.

Feitas tais ressalvas e reconhecendo seus desafios, neste trabalho adotarei três pontos principais como aporte para análise do estudo: a mediação em espaços culturais, nos interessando aqui especificamente a que se realiza no espaço do Cine Humberto Mauro no âmbito das atividades que compõem o Programa Cine Escola, o trabalho dos arte-educadores atuantes no mesmo com foco nas metodologias por estes utilizadas e por fim as interseções e contribuições possíveis desta temática ao ensino de Artes Visuais.

Por tratar-se de um espaço afetivo e ao mesmo tempo de lazer e aprendizagem para mim, conforme já mencionado neste trabalho, o Cine Humberto Mauro exerce papel importante em minha formação, uma vez que somado a ele e a minha paixão pelo cinema está minha inserção no Centro de Formação em Artes e Tecnologia-CEFART espaço localizado no interior da Fundação Clóvis Salgado, voltado para a formação e profissionalização de artistas por meio de cursos nas áreas de dança, teatro, música e artes visuais.

Em 2016, ano em que decidi explorar outras atividades para além da sétima arte, iniciando-me nos cursos ofertados gratuitamente pelo CEFART a cada disciplina aprendida comecei a adquirir um conhecimento mais abrangente acerca das Artes Visuais passando a frequentar galerias e exposições presentes no Palácio com o intuito de tornar-me fruidora das modalidades artísticas ofertadas pelo espaço.

Logo após iniciar minha formação nos cursos do CEFART ingressei em 2017 no curso de Especialização em Artes e Tecnologias Contemporâneas, no qual já iniciei com toda bagagem apreendida nos cursos que fiz no CEFART, conhecimento prévio este que me auxiliou facilitando meu entendimento e aprendizado das disciplinas da especialização.

Nesta convergência de conhecimentos entre cinema e artes visuais decidi estudar a atuação de arte educadores fora do ambiente escolar, em instituições culturais e nada mais conveniente que escolher um espaço que já conheço e freqüento.

Assim, optei por escolher o Programa Cine Escola, pertencente ao CEFART, para pautar minha pesquisa. O Cine escola é um programa derivado do extinto *Cineminha* (1997-2016) e tem como objetivo promover o acesso ao cinema ao público escolar das redes privada e pública de Belo Horizonte e região metropolitana. Reformulado, o programa acontece somente as quarta-feiras nos turnos da manhã e tarde no Cine Humberto Mauro com o tempo total de uma hora e meia para a realização de suas atividades.

Ao escolher lançar o olhar sobre o trabalho dos arte-educadores atuantes no Programa Cine Escola uma série de indagações permeou minha mente curiosa em entender quais os desafios destes profissionais ao atuarem em espaços culturais? Como se organizam? Qual metodologia de trabalho? Como trabalham com o cinema? Como driblam o tempo reduzido do programa para promover o conhecimento por meio da sétima arte? Como interagem com os alunos/espectadores visitantes e seus professores? Como nós alunos em formação na especialização podemos atuar em espaços e instituições culturais aplicando o que aprendemos sem didatizar a arte? Como tornar a sala de exibição um espaço

propício a aprendizagem por meio do filme?

Para buscar ou ao menos tentar encontrar respostas para essas questões senti a necessidade de compreender minhas próprias vivências cinematográficas, pois de acordo com Palhares(2018, p. 122)

[...] O ato de narrar uma experiência vivida traz a possibilidade de revivê-la em sua potência estética e de transformação da realidade, transformando uma experiência do passado em algo que também se realiza no tempo presente, e, abre alternativas para a construção de sentidos futuros.

Assim, nesta ação de rememorar o vivido buscarei articulá-lo com o presente de modo a entender minha atuação no interior desta pesquisa, pois como sublinha Martins (2006, p. 229)

Vivenciar a ação pesquisante, o olhar indagador, a vigília criativa e atenta ao mundo ao nosso redor, o estudo, a leitura, a constante formação cultural nos alimenta como profissionais da educação. Profissionais que aprendem seu ofício na convivência diária com a pesquisa de sua própria prática.

Nesse contexto, vários 'eus' se encontram no trajeto desta pesquisa, na qual ora sou espectadora, cinéfila, realizadora, aluna de Artes Visuais e pesquisadora.

Observar o trabalho de profissionais da arte-educação sem constrangê-los ou intimidá-los é outro desafio que se desenha no decorrer das abordagens, por isso senti a necessidade de adotar algumas estratégias para abordá-los e a cada visita as sessões de exibição acompanhando desde a acolhida das escolas visitantes até o término da sessão, observava a relação entre estes mediadores e alunos, e posteriormente conversava com os arte-educadores optando por tomar nota fazendo o registro escrito em um momento posterior.

Soma-se a isso a coleta de material do programa como cópia do questionário aplicado pelos arte-educadores às escolas visitantes.

1.1.3 De Cineminha à Cine Escola: mudanças e permanências

Antes de nos debruçarmos na discussão acerca do Programa Cine Escola faz-se necessário um breve retrospecto ao seu formato inicial, no qual era nomeado *Projeto Cineminha*.

O Cineminha surgiu em 1997 e foi um projeto voltado para o público infantil que visava ensinar a crianças um pouco da história do cinema por meio das exibições de curtas e longas metragens, além da realização de oficinas de jogos e brincadeiras no interior do espaço do Palácio das Artes.

O projeto englobava três módulos: *Projeto Cineminha* voltado para atividades de recreação além de breve apresentação sobre a história do cinema e exibição de filme(s); *Projeto Cineminha Especial* que consistia em uma explanação sobre o olho humano e a formação da imagem no seu interior somada à exibição de curtas-metragens de animação e oficina de jogos óticos e *Itinerância Cineminha Especial*, a qual percorria instituições que solicitavam a visita do Projeto, que abrangia a região Metropolitana de Belo Horizonte ou interior de Minas Gerais.

As atividades do projeto aconteciam nos jardins internos do Palácio das Artes, no Cine Humberto Mauro ou em instituições de ensino de Belo Horizonte e região metropolitana que solicitassem a visita do projeto e de seus integrantes.

A faixa etária atendida era de crianças de 5 à 11 anos, nos turnos da manhã das 8h15 às 10h30 e da tarde das 14h às 16h15.

Em 2016 o *Projeto Cineminha* encerra suas atividades retomando em um novo formato oficialmente em 2018, sendo agora nomeado *Programa Cine Escola*, o qual abrange um novo entendimento acerca do trabalho com cinema para o público escolar infanto-juvenil após a extinção do antigo formato, uma vez que este apresentava lacunas e divergências em relação à classificação indicativa das obras fílmicas ofertadas.

Reconfigurado, o *Programa Cine Escola* conta com a mediação de um total de 6 dos

15 arte-educadores do CEFART, sendo 2 profissionais por turno de exibição. As exposições permanecem gratuitas e são abertas à educadores e alunos de escolas da rede pública e privada de Belo Horizonte e região metropolitana, bem como demais instituições como ONGS e projetos sociais.

O Cine Escola disponibiliza ainda sessões de filmes em audiodescrição, de modo a promover a acessibilidade respeitando a diversidade dos espectadores participantes. No que concerne a faixa etária esta ampliou-se atendendo a alunos de 4 a 16 anos subdividindo-se em modalidades etárias diversas (Infantil 1 : 04 a 06 anos; Infantil 2 : 07 a 09 anos; Juventude 1 : 10 a 12 anos; Juventude 2 : 13 a 15 anos; Curtas Cubanos: 14 a 16 anos; Curta na Ditadura: 14 a 16 anos).

Outra modificação no programa deu-se no horário ofertado para as sessões que mantém-se em dois turnos,mas com duração total de 1h30 nos turnos da manhã (9h-10h30) e da tarde (14h-15h30) dividindo-se em três momentos: acolhimento, exibição e mediação, sendo as sessões agendadas mediante escolha das escolas e demais instituições participantes ocorrendo somente às quartas-feiras.

No que se refere ao conteúdo programático este é composto por uma filmografia retirada do acervo fílmico do Cine Humberto Mauro, do qual são selecionadas produções nacionais e estrangeiras, sendo estas curtas-metragens², animações³ e documentários⁴ que compuseram a programação de festivais e mostras (*Festival Internacional de Curtas- FestCurtas, MUMIA- Mostra Udigrudi Mundial de Animação, etc.*) realizadas na sala, tomando-se em consideração a classificação etária para exibí-las aos alunos visitantes.

Em sua rotina semanal o programa organiza-se do seguinte modo: em um primeiro momento os arte-educadores realizam o acolhimento dos alunos e professores visitantes organizando-os e conduzindo-os ao espaço da sala Humberto Mauro, na

² Curta-metragem: filme com duração de até 30 minutos de intenção estética, informativa, educacional ou publicitária, geralmente exibido como complemento de um programa cinematográfico

³ Animação: processo, segundo o qual cada fotograma de um filme é produzido individualmente, podendo ser gerado tanto por computação gráfica quanto fotografando uma imagem desenhada ou repetidamente, fazendo-se pequenas mudanças a um modelo fotografando o resultado.

⁴ Filme não-ficcional que se caracteriza pelo compromisso com a exploração parcial ou subjetiva da realidade.

qual ocorre o segundo momento dedicado à exibição dos filmes que podem ser escolhidos de acordo com temática proposta pelos grupos participantes (escolas, ONGs ou projetos sociais) ou pela escolha dos organizadores do programa, em ambos os casos respeitando-se a faixa-etária atendida. O terceiro e último momento é dedicado ao debate com alunos e professores acerca de suas impressões sobre os filmes exibidos.

Há ainda a aplicação de questionários aos professores visitantes com o intuito de saber a avaliação de cada um no que concerne às impressões, sugestões e críticas ao programa, para posterior análise e discussão entre os arte-educadores e gerência responsável sobre possíveis alterações e melhoramentos com embasamento em tais observações. Esse momento de aplicação do questionário, destaca-se por ser uma importante oportunidade de troca, pois os professores visitantes e mediadores se aproximam mais e aproveitam para conversarem sobre aspectos referentes ao programa e a educação.

Nota-se que desde suas origens até o novo formato o Programa, entre mudanças e permanências continuou tendo no cinema o meio de formação e interação e o público escolar como alvo das atividades oferecidas.

Contudo, dentre as mudanças ocorridas podemos destacar a redução dos dias ofertados ao programa (Vide quadro comparativo), além da ampliação da faixa-etária atendida. Houve também uma alteração no que diz respeito ao caráter das atividades oferecidas pelo programa, antes com oficinas e brincadeiras lúdicas inspiradas nos universos teatral e circense somado aos conhecimentos de cinema ensinados e recentemente voltado para a exibição, diálogo e reflexão do conteúdo exibido.

Quadro 1 - Comparativo: Programa Cineminha x Programa Cine Escola

	Projeto Cineminha	Programa Cine Escola
Período	1997-2016	2018-atualmente
Frequência/Duração	Três a quatro dias por semana Turnos manhã (8h15 às 10h30) e Tarde (14h às 16h15)	Quarta-feira Turnos manhã (9h às 10h30) e tarde (14h às 15h30)
Público-alvo	Crianças de 5 a 11 anos da rede pública e privada de Belo Horizonte e região metropolitana e de instituições.	Crianças e adolescentes de 4 a 16 anos da rede pública e privada de Belo Horizonte e região metropolitana, bem como de ONGs e demais instituições.
Atividades	História do cinema Exibição filmes Oficinas e recreação	Acolhimento Exibição filmes Debate

Fonte: Resultado da pesquisa

2 DA TELA AO GIZ: AÇÕES TRANSVERSAIS ENTRE ARTE CINEMATOGRAFICA E EDUCAÇÃO

Em princípio, antes de discorrer acerca da mediação, no âmbito do Programa Cine Escola, faz-se necessário um breve retrospecto a respeito do surgimento da mediação enquanto campo de acompanhamento cultural em nosso país, uma vez que, como ressalta Coutinho (2009, p.171)

No Brasil, a questão da mediação cultural recentemente vem sendo alvo de experimentações e pesquisas em consonância com as abordagens pós-modernas de ensino de arte. Esse interesse tem suas origens na década de

1990 e surgiu de início da preocupação de arte-educadores que passaram a atuar em instituições culturais. Hoje, pode-se dizer que a questão passou também a ser considerada relevante nas agendas, de instituições, museus e centros culturais.

Assim, considerando esse percurso histórico de interesse por esta área a presente pesquisa também tem na mediação a base para este estudo, já que a mediação cultural é um dos campos possíveis de atuação do arte-educador.

Soma-se a este trajeto histórico da mediação no país o papel da arte no ato de mediar, pois segundo Barbosa (2009, p.13) “[...] a arte tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo, apontando um papel de destaque para a arte/educação ser a mediação entre a arte e o público”, logo seguindo essas reflexões esta pesquisa se situa no interior das atividades de mediação que compõem o programa Cine Escola, no qual nessa perspectiva relacional entre o público, objeto artístico (filme) e a equipe de mediadores do referido programa tem como um dos desafios identificar estratégias de mediação tendo o cinema como foco, considerando o fato de que este intercâmbio entre cinema e público escolar é, como ressalta Coutinho (2009, p.175), um processo “[...] transitório e circunscrito ao período de visita de um grupo (em geral uma hora e meia de duração)” assim, situado neste breve espaço de tempo encontra-se o maior desafio destes mediadores: promover ou ao menos instigar o espectador a expor seu ponto de vista fazendo do ato de ver filmes para além de um ação passiva de entretenimento um momento de reflexão que ressoe fora do espaço do Cine Humberto Mauro.

Há de se reconhecer que em meio a esta transitoriedade do momento da sessão sabemos que esta apreensão por parte do público, como destaca Coutinho (2009, p. 215), também “[...] depende de um processo individual, potencializado pelas questões contextuais” nas quais estes sujeitos espectadores estão inseridos.

Por tudo isso, antes de analisar os processos de mediação usados na condução das visitas do programa temos de compreender este espaço onde acontece este ato mediador: a sala de exibição.

2.1 A sala de exibição: possibilidades educativas

Realizar uma pesquisa tendo no cinema o instrumento mediador utilizado exige que compreendamos, antes de tudo, esse lugar envolto na escuridão e atravessado pelas luzes que rompem a obscuridade com as imagens projetadas e que vão de encontro aos olhos dos espectadores: a sala de exibição.

Afinal, como pensar a sala de exibição enquanto espaço educativo? Para Bergala (2008, p.105) se comparado à projeção de filmes em sala de aula

A excursão ao cinema é um argumento de dois gumes. É verdade que a atitude dos alunos e talvez a capacidade que eles têm de acolher uma obra não é a mesma no ambiente institucional da escola, lugar das obrigações e dos programas [...]. Mas sabemos também que a excitação da saída às vezes provoca efeitos perversos de dispersão e de extravasamento que nem sempre favorecem a concentração desejada para o filme.

Tal excitação é de fato observada no comportamento dos alunos visitantes do programa Cine Escola, nestes momentos de encontro proporcionado por minhas idas às exibições do programa pude observar algumas destas reações destes estudantes ao ocuparem a sala de cinema: a inquietude nas poltronas, as conversas e comentários paralelos ao filme exibido, as reações ao conteúdo imagético que estão assistindo que vão desde os risos soltos ao silêncio e concentração total, a subversão das regras de consumo de alimentos dentro do cinema, as idas ao banheiro durante a sessão e a salva de palmas e gritos eufóricos ao final da exibição. Ao participarem os alunos ainda expressam suas preferências e dialogam sobre suas impressões acerca dos filmes com seus colegas.

Contudo, mesmo sendo suscetível a esta ambigüidade é necessário buscar entender a relação dessas crianças e adolescentes com os filmes neste espaço uma vez que

No espaço da sala de exibição, as crianças estão ao mesmo tempo a sós e em grupo, e a experiência de assistir ao filme no coletivo constitui como linguagem de mediação de referências comuns, uma língua franca das crianças. (FANTIN, 2011, p.64)

Assim, nesse entrelaçar entre individualidade e coletividade na sala de exibição “[...]”

O cinema atinge toda a sua potencialidade em exibição final, no compartilhamento coletivo das emoções da torrente audiovisual, que ocorre na intimidade da sala escura.” (MORAES; MEDEIROS (2011, p. 44-45)

Ainda no âmbito da sala de cinema há ainda de se destacar que a participação dos professores visitantes varia entre aqueles que se atém à temática dos filmes e outros que se envolvem na conversa sobre questões técnicas e artísticas. O envolvimento dos professores costuma refletir em um maior envolvimento dos alunos também. De modo geral, os alunos demonstram gostar bastante da visita, sendo que a profundidade das questões e apontamentos realizados por eles durante às discussões tendem a ser proporcionais à faixa etária havendo entre os alunos menores maior fascínio por estarem vivenciando aquele momento.

Logo, somado a este reconhecimento da sala de cinema enquanto espaço coletivo de múltiplas experiências imagéticas há de se considerar como, por intermédio da oferta e utilização do material fílmico diferenciado dos cinemas das grandes salas, essa cultura audiovisual pode proporcionar processos de aprendizagem mais prazerosos e significativos ao público participante.

3 A POTENCIALIDADE DO CINEMA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS: ALGUMAS REFLEXÕES E CONTRIBUIÇÕES DO PROGRAMA CINE ESCOLA

Imersos na escuridão e no silêncio da sala de cinema em que imagens em movimento incidem sobre olhares infantes e juvenis lá estavam os mediadores que na penumbra da sala de exibição tornavam-se mais um espectador.

Em minhas visitas semanais a cada quarta-feira, dia este dedicado as exibições do Programa Cine Escola, busquei compreender mais acerca deste sujeito mediador e de sua atuação.

Realizei minha abordagem a esses profissionais por meio da observação e de conversas nos intervalos que antecediam e sucediam as sessões de filmes, de modo a entender melhor a organização e as ações destes arte-educadores no programa. Afinal, quem é o mediador do Cine Escola? Até que ponto a compreensão da

metodologia de trabalho deste profissional pode ajudar-me a ver o Ensino de Artes Visuais por meio de uma perspectiva crítica-reflexiva tendo o cinema como instrumento potencializador desta educação visual?

Para tentar responder a estas indagações a cada encontro observava a rotina do programa tentando captar suas nuances tendo em vista vários aspectos relacionais que estão presentes na realização semanal do Cine Escola: a relação entre mediadores, entre mediadores e estudantes/visitantes/ espectadores, a relação entre mediadores e professores/monitores das escolas participantes, além da relação destes arte-educadores com o cinema, a qual se limitará aqui aos dados observados devido a impossibilidade de aplicação de questionários e entrevistas com estes sujeitos.

Levando-se em consideração os dados e registros feitos em minhas observações a cada exibição, optarei aqui por descrever e comentar, à luz dos teóricos consultados a rotina de trabalho dos mediadores, a qual inicia-se com a acolhida aos alunos e professores das escolas visitantes e condução dos mesmos até a sala de exibição. Segue-se com uma breve introdução por parte de um dos mediadores sobre as regras do Cine Humberto Mauro e sobre os tipos de filmes que serão exibidos.

Posteriormente os curtas-metragens e animações são exibidos e por fim, um dos arte-educadores dialoga com os estudantes acerca das impressões sobre os filmes assistidos. Ao término de cada sessão os mediadores aplicam questionários de opinião sobre o programa aos professores/monitores visitantes em tais questionários professores visitantes devem pontuar suas impressões, sugestões e críticas ao Cine Escola em relação ao conteúdo fílmico assistido e demais aspectos da visita que julgarem necessário abordar. Por fim despedem-se de todos estudantes/professores visitantes.

Segundo Azevedo (2009, p.337) o trabalho do arte-educador “[...] na contemporaneidade assume o importante compromisso de mediar as relações de aprendizagem com a imagem, fomentando diálogos sobre os sentidos de arte em nossa vida”, nesse sentido durante o acompanhamento das exibições do *Programa Cine Escola* notou-se quanto à ação dos arte-educadores que, apesar do tempo

restrito para atuarem na mediação do programa junto aos alunos visitantes/espectadores,

Tenta-se garantir que a experiência vivida no espaço transitório de mediação tenha uma ressonância na vida das pessoas, e, no caso específico do público escolar, procura-se fazer que ela permeie o ambiente das escolas, até pouco tempo avesso à arte. (COUTINHO, 2009, p.184)

Soma-se a isso o fato de que o esforço destes profissionais não é vão, pois como pondera Duarte (2009, p. 73) os reflexos dos conteúdos assistidos ressoarão de “[...] modo mais significativo em etapas posteriores do processo de significação, ou seja, quando deixamos a sala de cinema (ou saímos da frente da tevê) e construímos nossos discursos sobre o que vimos” , logo a vivência destes encontros na vida destes alunos espectadores é processual e terá sua durabilidade por meio de seus discursos podendo perpetuar-se caso este espectador sinta-se incitado a buscar mais acerca desta filmografia a ele apresentada.

Nesse sentido há de se considerar a necessidade de uma sensibilidade e percepção do mediador quanto à possibilidade pedagógica do cinema na formação do imaginário do público infanto-juvenil de modo a enriquecer suas concepções e percepções de mundo. Logo, ao exercer seu trabalho o mediador precisa

[...] encontrar maneiras adequadas para estimular o gosto pelo cinema. Nesse caso, gostar significa saber apreciar os filmes no contexto em que eles foram produzidos. Significa dispor de instrumentos para avaliar, criticar e identificar aquilo que pode ser tomado como elemento de reflexão sobre o cinema, sobre a vida e a sociedade em que se vive. (DUARTE, 2002, p. 89)

Nesse exercício de ver e conversar sobre filmes ao observar o trabalho do mediador do Cine Escola pode-se notar uma preocupação com a escolha de um repertório fílmico diferenciado ofertado aos estudantes espectadores, além de uma ação reflexiva presente nos discursos dos mediadores do projeto que buscam a cada exibição propor questões provocativas aos estudantes/espectadores de modo que estes relacionem com o próprio repertório cinematográfico a que estão habituados. Soma-se a isso a reflexão acerca da própria prática e ação do programa no atendimento ao proposto por meio dos apontamentos feitos pelos professores visitantes no questionário de avaliação.

O programa ainda destaca-se por promover, por intermédio deste vínculo entre uma instituição cultural estatal e escolas das redes pública/privada da capital e região metropolitana, bem como demais instituições de ensino, uma cultura de valorização do cinema.

Soma-se a isso a importância do Cine Humberto no sentido de possibilitar a promoção de uma filmografia diferenciada, uma vez que ainda predomina em grande parte do espectador de cinema brasileiro uma ‘mentalidade importada’, a qual Bernardet (2007, p.31) explica da seguinte forma

[...] para o público brasileiro cinema, é cinema estrangeiro. É natural que o público, estando constantemente em contato com filmes estrangeiros e nunca nacionais, tenha contraído certos hábitos. Durante longo tempo, para amplos setores do público brasileiro, cinema restringiu-se a cinema norte-americano, e este sempre cercado de grande publicidade.

Logo, ao ofertar em sua programação filmografias brasileiras descoladas dos padrões norte-americanos, nos quais a função do espectador é confundida com a de consumidor tornando a infância vítima de uma infantilização coletiva que dissemina estereótipos através de produções da Disney entre outras, o Cine Humberto valoriza nossa visualidade e os profissionais atuantes no cinema nacional permitindo a estes espectadores o contato com produções nacionais de qualidade, pois como ainda ressalta Bernardet (2007, p. 32)

O filme nacional tem outro efeito. Ele é oriundo da própria realidade social, humana, geográfica etc. em que vive o espectador; é um reflexo, uma interpretação dessa realidade (boa ou má, consciente ou não, isso é outro problema). Em decorrência, o filme nacional tem sobre o público um poder de impacto que o estrangeiro não costuma ter. Há quase sempre num filme nacional, independente de sua qualidade, uma provocação que não pode deixar de exigir uma reação do público.

Nesse contexto provocador se destaca o papel do mediador ao debater essas produções após a exibição permitindo, por meio do diálogo, um despertar nesse aluno-espectador, pois como afirma Orloski (2009, p. 211) “[...] mesmo numa visita que não contemple formalmente a prática reflexiva, mas que seja pautada pelo diálogo e busque de fato uma mediação entre obra e público, também é possível vivenciar a experiência estética”, assim aos poucos possam romper com esta concepção de cinema que visa apenas ao entretenimento vazio e irem à busca por novas cinematografias mais reflexivas que valorizem a cultura e os costumes de

nosso país.

No que concerne a equipe de mediadores houve mudanças, pois enquanto ainda era Cineminha o programa reunia um total de quatro artistas/recreadores (contadores de histórias, palhaços e performers) que realizavam intervenções, jogos e brincadeiras com os alunos visitantes. Já em sua nova versão o programa Cine Escola é composto por um total de 6 arte-educadores, sendo 5 do gênero feminino e um do gênero masculino, predominando profissionais com formação na área de Artes Plásticas e Visuais contando ainda com um profissional do campo das Letras.

A esse respeito Pimentel (2007, p. 26) ressalta que

A formação do educador em Arte precisa ser pensada a partir de algumas concepções pedagógicas comprometidas com a compreensão do fenômeno educativo em seus múltiplos aspectos (econômico, social, histórico, antropológico, filosófico, psicológico, político e ideológico) e de bases didático metodológicas capazes de permitir que @ educador@ atue de modo competente na sua prática pedagógica.

Assim, pode-se notar no acompanhamento das exposições a importância em se ter profissionais habilitados no campo das artes visuais, fator este que contribui para que o programa possa vir a estruturar-se e se aperfeiçoar pelas mãos de pessoas que detêm o conhecimento artístico e engaja-se no desenvolvimento de ações que visem o alcance da aprendizagem e fruição estética por parte do público participante do programa.

E por falar em público, notou-se nos discursos dos mediadores do Cine Escola que um dos principais desafios enfrentados por esses profissionais é a necessidade constante de adaptação das ações/métodos para o atendimento ao público, pois um simples imprevisto, como uma demanda não repassada com antecedência pela escola ou um atraso no transporte dos alunos que acarrete em uma diminuição do tempo da sessão, exige que o arte-educador adapte o seu planejamento.

Além disso, imprevistos de outra ordem, inerentes à dinâmica de funcionamento de um espaço complexo como o da Instituição que oferta o programa, podem

“atravessar” a atuação do arte-educador, implicando em uma flexibilização dela.

Outro aspecto a se destacar diz respeito a filmografia selecionada, pois observa-se nos mediadores uma forte vontade de que o público aprecie e agrade-se do conteúdo fílmico exibido. A cada exibição a reação de cada público escolar diferiu-se, fato já esperado pelos arte-educadores, uma vez que como observa Duarte (2009, p. 65) “[...] o espectador não é vazio nem, muito menos tolo; suas experiências, sua visão de mundo e suas referências culturais interferem no modo como ele vê e interpreta os conteúdos”.

Há ainda certa flexibilização por parte do programa Cine Escola, o qual ainda possibilita que a escola participante escolha a temática e o (s) filme (s) a ser exibido. Em uma das sessões em que isto ocorreu observou-se que os docentes de escolas ainda optam por animações do circuito comercial, dentre estas as produzidas pela Disney e Pixar.

Em virtude dos fatos aqui mencionados pode-se se dizer que o grande desafio desta pesquisa foi tentar traçar um perfil metodológico do programa, uma vez que este ainda segundo afirmado pelos próprios mediadores ainda é recente em seu novo formato e possui um caráter processual sendo ainda necessárias muitas modificações e decisões a serem tomadas quanto a abordagem educacional do projeto e demais ações que visem seu aperfeiçoamento para atender de modo permanente e estruturado ao setor educativo da Fundação Clóvis Salgado como também e principalmente ao público visitante.

Contudo, pode-se dizer que se comparado a versão anterior quando ainda era conhecido como programa *Cineminha*, o Cine Escola guarda algumas diferenças, uma vez que anteriormente o programa tinha um caráter mais lúdico com influências teatrais e circenses, e com uma dinâmica maior de abordagem sobre o cinema com o público visitante. Agora em seu novo formato o perfil do programa centra-se mais na exibição e em sua fruição pelos estudantes/espectadores devido à mudanças e restrições de ordem burocrática e financeira.

Sente-se ainda a necessidade de articulação entre a sala Humberto Mauro no

contexto das atividades do programa com os demais setores culturais da fundação de modo a explorar relações possíveis com as galerias, teatro, dança como também uma apropriação do público de outros espaços e áreas deste lugar de arte pulsante em todas suas formas de manifestação.

CONCLUSÃO

Analisar um programa no perfil do Cine Escola foi algo complexo devido ao fato deste ainda estar se estruturando e adaptando-se ao novo formato apesar de ainda manter aspectos da antiga versão quando ainda era nomeado Cineminha.

No decurso desta pesquisa a cada exibição tive a oportunidade de acompanhar o trabalho de mediadores e pude refletir sobre dois aspectos em especial: a importância do cinema enquanto forma de expressão relevante na educação em arte e a necessidade da arte-educação enquanto possibilitadora desta articulação entre estudantes/espectadores e o audiovisual.

No modo como o programa se desenha observei que para além de uma visita guiada com informações pré-estabelecidas pela coordenação e arte-educadores como tradicionalmente é feito nos programas de museus e espaços culturais, o Cine Escola concede certa liberdade aos visitantes durante o processo de visita rompendo com quaisquer modelo de roteiro artístico engessado. Há por parte da equipe de mediadores uma ação no sentido de mobilizar o pensamento artístico do público escolar visitante durante o desafio semanal destes profissionais para tentarem fazerem da 1h30 de programa um momento realmente significativo de encontro com a sétima arte.

O grupo de mediadores do Cine Escola no cotidiano do contato com alunos e professores visitantes criam condições, por intermédio do diálogo e do levantamento de questões provocadoras acerca do conteúdo fílmico exibido, as quais possibilitam interpretações autônomas dos participantes/espectadores respeitando a pluralidade de pontos de vista de cada um sendo este complementar ou não.

Há ainda de se considerar que o programa tem avanços significativos, mesmo ainda sendo prematuro, pois uma conquista relevante do programa atualmente é apresentar o Cine Humberto Mauro enquanto um espaço público e gratuito, evidenciando que usufruir desse espaço é um direito não só do público atendido diretamente pelo programa, mas também de seus familiares e amigos, como frisado pelos educadores durante as abordagens.

Além disso, o programa oferece destaque, por meio da escolha da programação e da fala dos educadores, à diversidade de produções cinematográficas existentes no Brasil e no mundo e às incontáveis, e por vezes acessíveis, formas de se produzir e pensar cinema, tanto em termos conceituais quanto estéticos.

Contudo, a atuação da equipe do programa ainda tem de lidar com o desafio de ficarem restritos a um espaço circunscrito ao curto período de visita que impossibilita ações de prática criativa em audiovisual posterior as exibições com os visitantes devido a limitações de ordem econômica e burocrática que permeiam a instituição.

Obviamente há ainda certos avanços a se fazer no programa no que diz respeito a estas oportunidades de experimentação que impulsionem ainda mais a aprendizagem e apreciação estética dos alunos visitantes, contudo este deve ser um exercício mútuo entre a comunidade escolar e a instituição cultural atuando de modo colaborativo em suas respectivas funções de modo a integrar efetivamente e significativamente arte e educação.

Outro desafio a se vencer é manter a vitalidade do programa não somente por tratar-se de um programa reformulado, mas também pelo próprio desafio enfrentado pelos espaços culturais na manutenção das atividades do setor educativo e no ressoamento destas fora da instituição cultural.

No caso do Cine Escola tem de se considerar a particularidade de trabalhar com a sétima arte e o espaço da sala de exibição enquanto recursos de aprendizagem em arte que venha permitir interseções significativas entre as vivências pessoais do público e a vivência de cada um naquele momento com a arte cinematográfica.

Entretanto, apesar disto e da transitoriedade do momento de apreciação estética por meio da visualidade cinematográfica as estratégias de mediação pensadas e utilizadas pela equipe por meio de questões instigantes que provocam reações e retorno do público vêm favorecendo a troca e o confronto de diferentes pontos de vista.

Os encaminhamentos da pesquisa possibilitaram perceber ainda que o direcionamento das atividades resulta do envolvimento e das decisões que vão sendo tomadas, a cada passo, pelo grupo de mediadores como um todo. Para exemplificar esta constatação, pode-se apontar um aspecto que se tornou evidente ao longo dos encontros: as afinidades expressas pelo grupo de arte-educadores do Cine Escola que agem coletivamente ajudando-se nos imprevistos surgidos bem como na rotina de trabalho.

Outro aspecto importante a ser destacado está no desenvolvimento da capacidade de concentração tanto nas atividades de ver os filmes, quanto de conversar sobre os filmes vistos contribuindo assim para que se construa a partir desse exercício de ver e conversar sobre filmes, relações possíveis com suas vidas, experiências e seus mundos.

Nesse sentido apesar da impossibilidade de mensurar a efetiva apreciação e fruição estética de cada participante ou do coletivo de participantes pode-se dizer que o programa e seu repertório fílmico diferenciado agem como propulsores do despertar do interesse pela arte cinematográfica nesses sujeitos.

REFERÊNCIAS

- A CÂMERA de João. Direção: Tothi Cardoso, Goiás: 2017. 1 DVD (23 min), son., color.
- ANALYSIS Paralysis. Direção: Anete Melece, Suíça: 2016. 1 DVD (9 min), son., color.
- AZEVEDO, Fernando Antônio Gonçalves de. A arte possibilita ao ser humano repensar suas certezas e reinventar seu cotidiano. In: COUTINHO, Rejane Galvão; BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 335-346.
- BARBOSA, Ana Mae. Mediação cultural é social. In: COUTINHO, Rejane Galvão; BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 13-22.
- BERGALA, Alain. **A hipótese-cinema**. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- BERNARDET, Jean Claude. **Brasil em tempo de cinema: ensaio sobre o cinema brasileiro de 1958 a 1966**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BIG Boom. Direção: Marat Narimanov, Rússia: 2016. 1 DVD (4 min), son., color.
- BRAGA, Ataídes. **Cachoeira de filmes: cinema Humberto Mauro como espaço de exibição e resistência**, Belo Horizonte: Ed do Autor, 2011.
- CAMINHO dos Gigantes. Direção: Alois Di Leo, São Paulo: 2016. 1 DVD (12 min), son., color.
- CHARLIE e os seus grandes dentes. Direção: Esther Lalanne, Xing Yao, Valentin Sabin, Camille Verninas e Chao-Hao Yang, França: 2016. 1 DVD (6 min), son., color.
- CINEMAS e teatros de BH podem ser obrigados a colocar legendas ou intérprete de Libras em exhibições. Belo Horizonte: BHAZ, 19 jun. 2017. Disponível em: <<https://bhaz.com.br/2017/06/19/cinema-com-libras-bh/>>. Acesso em: 7 dez. 2019.
- COUTINHO, Rejane Galvão; BARBOSA, Ana Mae. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- DARA: a primeira vez que fui ao céu. Direção: Renato Candido de Lima, Brasil: 2017. 1 DVD (18 min), son., color.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e educação**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FANTIN, Mônica. **Crianças, cinema e educação além do arco-íris**. São Paulo: Annablume, 2011.

IMPERMEÁVEL PAVIO curto. Direção: Higor Gomes, Minas Gerais: 2018. 1 DVD (20 min), son., color.

MARTINS, Miriam Celeste. Entrevistas: a inquietude de professores propositores, *Educação*, Santa Maria, v. 31, n. 2, p. 227-240, 2006.

MÉDICO de monstro. Direção: Gustavo Teixeira, São Paulo: 2017. 1 DVD (11 min), son., color.

MENINOS e reis. Direção: Gabriela Romeu, São Paulo: 2016. 1 DVD (16 min), son., color.

MINAS GERAIS. Secretaria de Cultura. **Palácio das Artes inaugura espaço exclusivo para novo programa educativo em Artes Visuais.** Belo Horizonte: Cultura, 29 maio 2012. Disponível em: <<http://www.cultura.mg.gov.br/ajuda/story/908-palacio-das-artes-inaugura-espaco-exclusivo-para-novo-programa-educativo-em-artes-visuais>>. Acesso em: 7 dez. 2019.

MORAES, Taiza Mara Rauen; MEDEIROS, Fábio Henrique Nunes (Org.). *Salve o cinema II: leitura da linguagem cinematográfica.* Joinville: Editora da Univilhe, 2011.

O FIM da fila. Direção: William Figueiredo Côgo, Rio de Janeiro: 2016. 1 DVD (3 min), son., color.

ORLOSKI, Erick. Diálogos e reflexões com educadores: a instituição cultural como potencialidade na formação docente, p. 207-227. In: COUTINHO, Rejane Galvão; Galvão; BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Arte/educação como mediação cultural e social.* São Paulo: Editora UNESP, 2009.

PALHARES, Juliana Mendonça. Por que cantam os passarinhos? *Revista Digital do LAV*, v. 11, n. 2, maio/ago. p. 121-134, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32517/pdf>>. Acesso em: 7 dez. 2019.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Metodologias de ensino de artes visuais. In: *CURSO de Especialização em Ensino de Artes Visuais: Escola de Belas Artes da UFMG Belo Horizonte*, v. 1, 2007.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Fugindo da escola do passado: arte na vida. *Revista Digital do LAV*, Santa Maria, v. 8, n. 2, p. 5-17, ago. 2015.

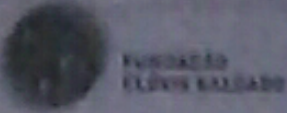
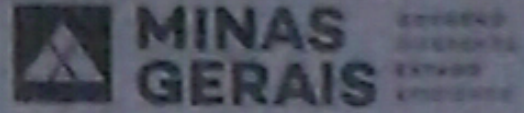
PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. *Revista ouvirOUver*, Uberlândia, v. 11, n. 1 p. 88-98 jan/jun, 2015.

THE LITTLE bird and the Caterpillar (O passarinho e a lagarta). Direção: Lena Von Döhrein, Suíça: 2017. 1 DVD (4 min), son., color.

THE THEORY of sunset. Direção: Roman Sokolov, Rússia: 2017. 1 DVD (9 min), son., color.

TINY big. Direção: Lia Bertels, Bélgica: 2017. 1 DVD (6 min), son., color.

ANEXO

 	
Fundação Clóvis Salgado / Gerência de Extensão / Gerência de Cinema CEFART / Escola de Artes Visuais Programa Cine Escola / Cinema Humberto Mauro	
Nome da Escola:	
Data: ____/____/____	Horário: () 09:30 () 14:00 () 19:00 () Outro: _____
Sessão: () Infantil I / 4 anos () Infantil II / 6 anos () Juventudes / 12 anos () Programação do Cine Humberto Mauro (19:00)	
Quantidade de ingressos:	
Nome completo do responsável (Legível):	
Assinatura por extenso do responsável / RG:	
Conte sobre a sessão de cinema no programa Cine Escola: (Impressões, sentimentos, sugestões, críticas, etc.) <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/> <hr/>	
Assinatura da (0) professora (r) / CEFART / MASP:	
Assinatura da (0) professora (r) / CEFART / MASP:	
Assinatura da coordenação da Escola de Artes Visuais / Mediação / CEFART / MASP:	
Assinatura da gerência de extensão do CEFART / MASP:	
Assinatura da gerência de cinema / MASP	